

## **BORGES NA MEMÓRIA COLETIVA DOS LEITORES BRASILEIROS**

Eliane Maria de Oliveira Giacon

Professora do Mestrado Acadêmico em Letras e do curso de Letras Português/ Inglês –  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS (giaconeliane@uems.br)

Ana Claudia Marini da Silva

Aluna orientanda do Mestrado em letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS  
(anaclaudia.marinidasilva@gmail.com)

**Resumo:** Borges, autor premiado e reconhecido mundialmente por sua fama de leitor voraz do cânone literário teve sua obra traduzida em pelo menos 25 idiomas, entre eles o português, fato que contribuiu para a formação de leitores brasileiros tanto anônimos quanto conhecedores de sua obra literária. O leitor ideal de Borges não pode ser um leitor ingênuo, mediano, pois sua narração é permeada de várias leituras duplicadas como num jogo de espelhos e labirínticas, circulares, com junção entre arte e pensamento. O legado literário de Borges transpõe barreiras geopolíticas e transfere sua herança estética aos intelectuais e críticos literários responsáveis pela mediação entre a obra borgeana e o leitor iniciante. A recepção continua sendo feita no meio acadêmico brasileiro e proporciona inúmeras publicações de artigos críticos, dissertações e teses.

**Palavras-chave:** obra borgeana; leitor brasileiro de Borges; produção de textos brasileiros sobre Borges.

### **INTRODUÇÃO**

Dentre os inúmeros leitores brasileiros do escritor argentino Jorge Luis Borges, pode-se incluir o escritor Mário de Andrade, um dos primeiros leitores de Borges desde a década de 20 do século XX, leitor assíduo de revistas argentinas, e de periódicos de literatura moderna. O pioneiro em traduzir Borges foi Alexandre Eulalio e dessa forma, a obra de Borges começou a ser disseminada entre os intelectuais a partir dos anos quarenta no Brasil.

Um exemplo de leitora foi a escritora e jornalista Clarice Lispector que comparou dois contos do escritor argentino em sua coluna no Jornal do Brasil na década de sessenta. A crônica intitulava-se “História dos dois que sonharam, Jorge Luis Borges”, publicada em 27/12/1969 no qual fez um comentário sobre sua leitura dos contos: “Para os que gostam de interpretações, tento duas: na primeira prosa de Borges, a moral é que nossa fortuna está conosco mesmo. Na narrativa de Wei-Cheng-en, vê-se talvez o signo da fatalidade, da qual não se pode fugir”(SCHWARTZ, 2001, p 283).

João Ubaldo Ribeiro, na obra de 1988, “Sempre aos Domingos” uma reunião de crônicas escritas para o Jornal O Globo, também dedicou uma ao escritor argentino Jorge Luis Borges, intitulada “Seres imaginários em Lisboa” e a narrativa começa quando lê uma notícia num jornal

misterioso que o Sr. Jorge Luis Borges, escritor argentino muito respeitado nos Estados Unidos, não existe. Foi invenção de um par de outros escritores argentinos, com a cumplicidade de um ator que se faz passar por Borges. O escritor termina sua crônica ironizando sobre a realidade: “Essas coisas são muito inquietantes, porque afinal, a realidade já é difícil, por tão irreal, de ser aceita, ainda mais com denúncias deste tipo” (RIBEIRO, 1988, p 159-161).

É possível também encontrar livros de crítica literária de escritores brasileiros, como por exemplo, Davi Arrigucci Jr, tradutor de Borges no Brasil, que dedica quatro capítulos ao escritor no livro “Outros Achados e Perdidos” de 1999 e em tal obra argumenta que em Borges o ato de narrar é feito de forma “oblíqua, mediante o comentário narrativo do que já se achava nos livros, na tradição ou na vida literária. A ideia de que a literatura nasce de outros textos, ou de forma abissal, dela mesma, na dependência do modo de ler” (ARRIGUCCI Jr., 1999, p 231).

Sempre tema recorrente, a leitura aparece ao lado do escritor, sob os signos do livro, da biblioteca e da Enciclopédia mimetizadas no Universo. Fazendo alusão às metáforas borgeanas, a crítica literária, Maria Eneida de Souza que reúne diversos artigos sobre Borges, em seu livro O século de Borges de 1999 defende que:

A metáfora funciona como saída ilusória dos conflitos montados pela interpretação realista da história, rejeitada por Borges em razão de seu desprezo pela ordem causalista e de seu apreço pelo acaso dos acontecimentos. A cegueira de Borges aguça também a prática autobiográfica por meio de associações metafóricas entre a obra e a vida, em que os temas da noite, da biblioteca, do livro e do ofício de escrever se reduplicam na figura do escritor cego. O real se prolonga na ficção e a vida passa a ser lida como livro (SOUZA, 1999, p 14,31).

O levantamento destas produções críticas brasileiras sobre Borges demonstra apenas uma pequena parcela do que já foi produzido no Brasil a respeito dele. Para melhor dimensionar a produção da crítica literária da obra borgeana, faz-se necessário abordar a teoria da recepção e o argumento sociológico sobre a formação da memória coletiva dos leitores de Borges. A seleção dos textos de três escritores brasileiros, Eneida Maria de Souza, Davi Arrigucci Jr. e Ronaldo Assunção, torna-se imprescindível para a compreensão sobre suas releituras e comparações entre Borges e outros escritores, respectivamente, Autran Dourado, Alexandre Eulalio e Mário de Andrade.

## **A RECEPÇÃO E A MEMÓRIA COLETIVA DOS LEITORES BRASILEIROS DE BORGES**

Para Wolfgang Iser, a leitura ideal é feita pelo leitor implícito, que possui um *repertório* de normas sociais, históricas e culturais trazidas como bagagem necessária à leitura e para que seja bem-sucedida, há uma interseção entre o repertório do leitor e o repertório do texto, acontecendo uma reorganização, a fim de mudar os pressupostos do leitor e prepará-lo para a leitura. Em COMPAGNON (2010, p.151) o leitor ideal é definido como: “extremamente parecido com o crítico culto, familiarizado com os clássicos, mas curioso em relação aos modernos. Cabe ao leitor informado fornecer, com a ajuda de sua memória literária, algo com que transformar um esquema narrativo incompleto da obra”.

De modo divergente, Hans Robert Jauss, propõe uma dimensão coletiva da leitura, denominando “horizonte de expectativa” o que Iser chama de “repertório” e com uma tonalidade mais histórica, atribui ao leitor ou a uma geração de leitores, o conjunto de normas literárias ou convenções a fim de que tal geração histórica adquira competência ao interagir com os textos literários. COMPAGNON (2010, p.209, 210) explica que Jauss emancipa o leitor e declara que:

Compete ao crítico, como leitor ideal, fazer o papel de intermediário entre a maneira como um texto foi percebido no passado e a forma como ele é percebido hoje, narrando detalhadamente a história de todos os seus efeitos.

O texto novo evoca para o leitor todo um conjunto de expectativas e de regras do jogo com as quais familiarizam os textos anteriores e que, ao fio da leitura, podem ser moduladas, corrigidas, modificadas ou simplesmente reproduzidas. Suas estratégias fornecem critérios para se medir o desvio que caracteriza sua novidade: o grau que separa do horizonte de expectativa de seus primeiros leitores, em seguida, dos horizontes de expectativa sucessivos no decurso de sua recepção.

Por meio destes pressupostos teóricos, pode-se inferir que a obra de Borges foi recepcionada por várias gerações de leitores brasileiros. Os escritores de literatura brasileira que citaram os textos de Borges em suas crônicas e críticos literários brasileiros que fizeram releituras da obra de Borges, são considerados leitores ideais, pois possuem repertório teórico para analisar a obra borgeana e as intertextualidades com os clássicos. Há um vínculo formado entre os leitores do escritor, gerando uma memória coletiva no grupo de leitores ideais, pois este grupo de críticos e intelectuais se mostrou apto a intermediar a leitura da obra borgeana para os leitores iniciantes. Sobre a memória coletiva, HALBWACHS (2003, p. 122,147) argumenta que:

A aparente continuidade do que chamamos vida interior em parte é porque ela segue por algum tempo o curso de uma de suas correntes, o curso de um pensamento que de tempos a tempos surge em nós e nos outros, a tendência de um pensamento coletivo. Mas o grupo, não é somente, nem principalmente, um conjunto de indivíduos definidos, e sua realidade não se esgota em algumas imagens que podemos enumerar e a partir do qual o reconstruíamos. Ao contrário, o que essencialmente o constitui é um *interesse, uma ordem de ideias* e de preocupações que se particularizam e em certa medida refletem as personalidades de seus membros. (o grifo é nosso)

Pode-se observar que uma geração de leitores brasileiros compartilhou entre si o interesse pela obra borgeana, formando um grupo identificável pelo que os une e assim, críticos literários produziram as variantes brasileiras da fortuna crítica mundial da obra de Borges. A formação do grupo de leitor ideal influenciado pela leitura da ampla fortuna crítica do escritor teve início e o pensamento coletivo começou a gravitar entorno da obra borgeana no país.

#### **ENEIDA MARIA DE SOUZA E AS HISTÓRIAS DE FAMÍLIA NA AMÉRICA DO SUL**

A confluência entre as histórias de família de Autran Dourado, descendente de Ângelo Dourado, escritor de relato de guerra e as ficções de Borges, também proveniente de famílias com avôs militares, se entrecruzam nos contos sobre personagens históricas da revolução federalista uruguaia de 1893. Os escritores Jorge Luis Borges e Autran Dourado se encontraram em São Paulo, em 1970, por ocasião de um jantar em homenagem a Borges e o tom da conversa entre os dois escritores foi presenciado pelos convidados presentes e inclusive por um jornalista francês.

Teve início o diálogo sobre a questão do personagem Aparício Saravia do conto borgeano “A outra morte”, que Autran Dourado afirmava tratar-se na verdade de Aparício Saraiva, e não Saravia, irmão de Gomercindo Saraiva retratados na obra de seu avô, Ângelo Dourado, no livro “Voluntários do martírio”. O médico e escritor, Ângelo Dourado, que se exilou no Uruguai por questões políticas no governo de Floriano Peixoto, participou das *banderas* no conflito federalista ao lado dos irmãos Saraiva.

O embate travado entre Borges e Autran Dourado, deixava transparecer a tentativa do escritor argentino em fabular através de citações de textos, sem se preocupar com fontes autorais e com ironia, negava que tal personagem era o mesmo citado por Ângelo Dourado, avô do escritor Autran Dourado. Porém, Borges não contava em cair na armadilha de um instrumento tão familiar a ele, uma Enciclopédia. O relato que segue é um trecho do episódio ocorrido relatado pelo autor da celeuma, Autran Dourado:

Perguntando uma vez a Borges, em São Paulo, quando fui lhe apresentado, se o seu caudilho era o mesmo herói do livro de meu avô, o consagrado escritor argentino fez uma tal fantástica confusão, recorreu a livros e situações históricas (não sei se falsas ou não, se inventadas ou não), que eu acreditei estar vivendo uma das páginas de *ficciones*. (DOURADO, 1980, p.10)

O desfecho da cena foi relatado pelo próprio escritor mineiro em trecho da carta de 1991 enviada à crítica literária Eneida Maria de Souza que comenta sobre o episódio (SOUZA, 1999, p. 73,76):

Autran utiliza-se, do recurso livresco ao solicitar, ao dono da casa em que estavam, a consulta de uma enciclopédia argentina. Borges então revida, por meio de um gesto arrogante e superior: “O escritor argentino mandava que lessem alto o verbete, acredito que, usando de uma metáfora, para me ferir com a sua espada. Na enciclopédia estava que Aparício Saravia lutara com o irmão Gomercindo na guerra civil terrível que foi a Revolução Federalista de 1893. Todos riram meio sem graça, pois o pequeno Davi acertara uma pedra de sua funda ao gigante Golias, como diz a Bíblia. Como eu não estava para literatura naquela hora, mas apenas querendo saber uma verdade, levantei o copo de uísque e saudei o escritor argentino, cantando à minha vitória – ‘Ora viva o amendoim’. Eles não conseguiram traduzir para ele o verso do Drummond que eu dissera. Ou é do Bandeira?” (DOURADO, 1991, p. 2)

O avô de Borges, Isidoro Acevedo, herói militar, serviu de inspiração para o personagem Pedro Damián, que seguia as *banderas* de Aparício Saravia no conto “A outra morte” e no relato de Ângelo Dourado, o mesmo personagem histórico Aparício Saraiva, e não Saravia (grafia em castelhano, com deslocamento da vogal i), é personagem do livro “Voluntários do Martírio”, que por sua vez, tem trechos reproduzidos no livro “Violetas e caracóis”(1987), do seu neto, o escritor Autran Dourado. Borges e Dourado são dois escritores de países geograficamente fronteiriços, descendentes de homens que lutaram em guerras, autores de temas literários perpassados pelo passado histórico e familiar, contudo afastados pelas divergências históricas e culturais.

## **DAVI ARRIGUCCI JR. E ALEX ANDER, O OUTRO**

A questão da alteridade é continuamente verificada em Jorge Luis Borges, que trata da questão do Outro não somente em contos ficcionais e poemas como o famoso conto O outro, no “Livro de Areia”, tradução de Davi Arrigucci Jr., onde a narrativa confronta um Borges idoso, professor universitário em Cambridge no ano de 1969, sentado num banco em frente ao congelado

rio Charles com “O outro” Borges, jovem que está sentado no mesmo banco e pensa estar em Genebra a poucos metros do rio Ródano. Eles travam uma conversa em que o primeiro reconhece o encontro consigo mesmo, embora parecendo ser ao mesmo tempo um encontro com O outro.

Estarem sentados diante ou perto de um rio congelado, remete ao signo correspondente a tempo, onde há uma dobra, ou ideia de congelamento ou suspensão do tempo em que dura o suposto encontro. A menção a Heráclito se encaixa muito bem ao tema da alteridade, pois quando se refere à “imagem milenar de Heráclito”, ao vislumbrar o rio congelado, quer relembrar a situação do homem que entra no mesmo rio pela segunda vez, e que na verdade esse homem não é o mesmo, pois mudou com o passar do tempo, e nem o rio, metáfora do tempo, é o mesmo visto que constantemente muda seu estado físico no ciclo das águas.

O diálogo transcorre sobre a família, a situação política do mundo, passado e futuro, conquistas literárias e naturalmente os livros lidos pelo jovem Borges, incluindo o sugestivo título de um dos livros: “O sócia”, de Dostoievski. No trecho abaixo menciona memória e esquecimento, em dupla significação, aludindo a seu outro conto famoso, “Funes, o memorioso”, também outro tema bem presente em sua obra, perpassado pela recorrente questão da memória argentina e da tradição europeia, uma visada dupla, que dá o tom no conto “O Outro”, conforme o seguinte trecho selecionado:

- Como vai sua memória?

- Frequentemente se parece com o esquecimento, mas ainda encontra o que lhe pedem.

Éramos diferentes demais e parecidos demais. Não podíamos nos enganar, o que torna difícil o diálogo. Aconselhar ou discutir era inútil, porque o inevitável destino dele era ser o que sou.

- ouça - disse eu – você tem algum dinheiro?

- sim – replicou – tenho uns vinte francos.

Tirou três escudos de prata e algumas moedas menores.

Eu lhe estendi uma dessas imprudentes notas americanas que tem valor diferente, mas o mesmo tamanho. Examinou-a com avidez.

- não pode ser – gritou – é datada de 1964.

(meses depois alguém me disse que as cédulas de banco não trazem a data)

Rasgou a cédula e guardou a moeda

Resolvi atirá-la ao rio. O arco do escudo de prata se perdendo no rio da prata teria conferido a minha história uma imagem vívida, mas a sorte não o quis.

O encontro foi real, mas o outro conversou comigo num sonho e por isso pôde me esquecer, eu conversei com ele na vigília e a lembrança ainda me atormenta. O outro me sonhou, mas não me sonhou rigorosamente. Sonhou, agora o entendo, a impossível data no dólar.

Vinte francos para o escritor jovem de quase vinte anos, ainda estudante e aspirante a poeta, morando na Europa, deslumbrado com as metáforas do ultraísmo, em oposição, um renomado poeta, professor na célebre universidade americana de Cambridge, atira uma moeda de prata no rio de águas prateadas (como o Rio da Prata na Argentina).

A sorte ou o destino do jovem estão traçados desde a tenra idade, ao receber como herança paterna a biblioteca de mil volumes: deveria ser escritor e professor como seu pai. O sonho de ser escritor foi sonhado e esquecido pelo jovem, porque as lembranças oníricas da juventude são suscetíveis ao esquecimento, efêmeras, porém as primeiras publicações foram um tormento e dignas de serem esquecidas para aquele que as relembra na vigília, no crepúsculo da vida septuagenária.

Borges adotou o misterioso pseudônimo Alex Ander em 1934, pois pretendia estar anônimo como colaborador da revista argentina *Multicolor de los Sábados*. Davi Arrigucci Jr. propõe paralelamente, uma conexão com Alexandre Eulálio, um leitor e propagador de Borges no Brasil, que convenciu alguns amigos (Brito Broca, Augusto Meyer, Fausto Cunha) a também serem leitores do escritor.

Disseminando pelo Rio de Janeiro a obra do escritor argentino, Alexandre Eulálio ganhou de Sebastião Uchoa Leite, o apelido de Alexandre, o memorioso, aludindo ao conto borgeano “Funes, o memorioso”, que por outro lado, também era o mesmo apelido concedido a “Borges, o memorioso”, devido à impressionante memória literária, que sua condição de cego lhe proporcionava privilegiar a oralidade, sendo capaz de citar inúmeros trechos de obras em suas palestras e entrevistas.

Alexandre Eulálio deslindava meticulosamente os textos borgeanos, pois era tradutor perfeccionista dos textos do escritor argentino e traduziu o conto “*El Congreso del mundo*”, onde as personagens principais tem o nome de Alejandro Ferri e Alejandro Glencoe. Assim, Alex Ander, Alexandre Eulálio e as personagens denominadas de Alejandro estão entrelaçadas entre o real e o imaginário, como pseudônimo, escritor, tradutor e personagens.

Davi Arrigucci Jr. estabelece mais conexões ao mencionar que Borges foi adepto do verso alexandrino, e continua tecendo a teia labiríntica ao assegurar que o escritor argentino tinha uma forte queda pelo nome Alexandre, sendo leitor das histórias de Alexandre Magno. Dessa maneira, Alexandre (Eulálio) era leitor de Borges e Borges era leitor de Alexandre (Magno).

Alexandre Eulálio foi o exemplo de leitor ideal de Borges, sendo intelectual dedicado às letras, não somente foi um dos pioneiros a traduzir Borges no Brasil, mas foi também uma influência ao estimular os amigos a serem leitores do escritor, compartilhando a vasta obra

borgeana. O mineiro Alexandre Eulalio teve sensibilidade para enxergar a potencialidade da escrita de Borges, antes mesmo que esta se estabelecesse com a obra “*Ficciones*” e com a repercussão da literatura de realismo fantástico da América latina na década de setenta.

## **RONALDO ASSUNÇÃO E AS AFINIDADES ENTRE MÁRIO DE ANDRADE E JORGE LUIS BORGES**

Ronaldo Assunção estabeleceu convergências e divergências entre os escritores Jorge Luis Borges e Mário de Andrade em três aspectos: poesia, cidade e oralidade. A poesia nos anos vinte e a influência do ultraísmo espanhol sobre Borges em seus Poemários (“Fervor de Buenos Aires”, 1923, “Luna de Enfrente”, 1925 e “Cuadernos San Martín”, 1928) e a influência das Vanguardas modernistas em Mário de Andrade em “Paulicéia Desvairada”, demonstrava a igual preocupação quanto à estética moderna dos autores.

A cidade foi o segundo aspecto salientado por Ronaldo Assunção. Buenos Aires e os arrabaldes do velho bairro de Palermo, as *orillas*, com seus *compadritos e orilleros*, tipos de valentões da periferia, presentes nos primeiros poemas borgeanos e em evidente dissonância, a preferência por Mário de Andrade em destacar a modernidade de São Paulo, comparada a uma “Mulher meio fidalga meio barregã, feita de asfalto e de lamas de várzea, Bandeirantemente, Lady MacBeth, madrastra e mãe” (ANDRADE, 1993, p 97,98).

O terceiro aspecto destacado entre os autores no livro de Ronaldo Assunção, é a preocupação com a língua falada pelos argentinos e pelos brasileiros, a oralidade. Sobre a Semana de Arte Moderna de 1922, Mário de Andrade escreveu artigo publicado em 1942 pelo Jornal O Estado de São Paulo onde abordava a questão: “o espírito modernista reconheceu que se vivíamos já de nossa realidade brasileira, carecia reverificar nosso instrumento de trabalho para que nos expressássemos com identidade” (MARTINEZ, 2005). Para Mário de Andrade, romper com a ortografia era esquivar-se das amarras de uma língua portuguesa distante da fala brasileira tão rica em neologismos.

Em concordância com o tema, o poeta argentino Borges também tratou da questão do idioma espanhol e o castelhano, falado por seus conterrâneos no ensaio “Inquisiciones” (1925), ao apontar que:

Tudo nela é inquietação, desengano; áspero e açucarada ao mesmo tempo. A índole espanhola se mostra como veemência pura; dir-se-ia que, ao se assentar no pampa, ela se esparramou e se perdeu. A fala se fez mais arrastada, a igualdade e

horizontes sucessivos desfez as ambições, e o obrigatório rigor de subjugar um mundo bruto se ressarcia com as doces lentidões da *payada* de contraponto, do truco falastrão e do mate. (BORGES, 1925, p 141).

Mário de Andrade, em ensaio crítico sobre a revista argentina vanguardista Martín Fierro, na qual colaborou Borges, declarava que “tem um jeito gozador caçoísta e esportivamente serelepe que entre nós só mesmo os paulistas conseguem ter [...] além de apresentar um espírito eminentemente nacional, culto e alegre” (MARTINEZ, 2005). E em mais um ensaio literário o escritor paulista analisou o livro do escritor argentino “Inquisiciones” (1925) e argumentava que tratava-se de:

Síntese criolla tributária daquela realizada por Güiraldes, sendo um livro excepcionalmente bonito, duma elegância muito rara de pensamento, verdadeira aristocracia que se educou na sobriedade, na imobilidade da exposição e no raro das idéias, além de apresentar uma erudição adequada. (MARTINEZ, 2005).

Quanto à poesia dos autores em tela, foi possível notar semelhança no uso refinado da ironia e paródia, embora os poemas borgeanos tenham tendência à nostalgia e ao mito e os andradinos à utopia e crítica. A poesia de “Paulicéia Desvairada” transcorria no desvario do presente, atravessando a metrópole e os poemários de Borges eram calcados na memória fragmentada de uma Buenos Aires reinventada, permeada de reminiscências do passado.

Portanto, o entrelaçamento das características mais significativas presentes na obra dos escritores analisados, serviu para detectar semelhanças e diferenças, demonstrando afinidades em grande proporção. Mário de Andrade e Jorge Luis Borges eram homens modernos que prezavam a herança do passado e novas propostas estéticas, e por essa razão foram alvo de pesquisa comparativa realizada por Ronaldo Assunção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como num jogo de espelhos borgeano, a análise de três críticos e escritores brasileiros (Eneida Maia de Souza, Davi Arrigucci Jr., Ronaldo Assunção) duplicam-se em outros três leitores brasileiros de Borges (Autran Dourado, Alexandre Eulalio, Mário de Andrade) e reduplicam-se através de seus livros, ensaios críticos e traduções, formando uma “biblioteca borgeana brasileira”.

A memória coletiva dos leitores de Borges percorre um caminho labiríntico pelos contos, ensaios e poemas do escritor argentino, que por sua vez, remetem a outras obras clássicas citadas pelo escritor. Borges agregou o erudito e o popular, pois reelaborava os textos lidos e isso

determinava sua maneira de escrever. O leitor Borges deve ser considerado, por sua vez, também um leitor ideal, sendo capaz de sopesar as obras lidas, aproveitando sua essência para tecer outras releituras.

Nara Maia Antunes afirma que para Borges a “invenção da literatura é coletiva. Se cada texto se relaciona com os demais textos – todos contêm uma literariedade comum - a literatura não é tanto a soma das obras, mas o sistema de suas relações: um campo de afinidades e oposições” (ANTUNES, 1982, p. 94). A produção borgeana é como um mosaico de vários textos arranjados em várias séries combinatórias de temas recorrentes e para ele, escrever era uma forma de reler as obras de sua preferência.

Borges, deliberadamente, criava um jogo duplo com o leitor de seus textos, resgatando-os do anonimato em direção à co-autoria, pois na sua concepção de literatura, o fenômeno literário tem de ser coletivo e todo texto tem de ser uma intertextualidade de outro texto. Além disso, tudo o que produzia suscitava questões teóricas contidas dentro da obra sugerindo várias possibilidades de leitura.

Por essa razão, como salientado no início do artigo, o leitor de Borges tem de ter um repertório de leituras prévias, uma visão de mundo e conhecimento de pressupostos teóricos. Para auxílio, há as análises de muitos críticos e escritores brasileiros, formadores de uma memória coletiva, que fazem parte do grupo de leitores e divulgadores de Borges e suas contribuições somam-se à obra borgeana.

## **REFÊRENCIAS**

- ANTUNES, Nara Maia. *Jogo de espelhos. Borges e a teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982, p.94.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. *Outros Achados e Perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p 221-225.
- ASSUNÇÃO, Ronaldo. *Mário de Andrade e Jorge Luis Borges: Poesia, Cidade, Oralidade*. Campo Grande: UFMS, 2004, p 259.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria. Literatura e Senso Comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2010, p151,209,210.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003, p. 122, 147.
- MARTINEZ, Leonil. *O ensaísmo de Jorge Luís Borges: Apagamento e Reescritura*. Florianópolis: UFSC 2005, p121-133.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Sempre aos Domingos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1988, p 159-161.
- SCHWARTZ, Jorge (org). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP 2001, p 283-286.
- SOUZA, Eneida Maria de. *O século de Borges*. Belo Horizonte: Autêntica 1999, p 65-68, 79-83.